



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

O USO DA VÍRGULA EM ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS RESTRITIVAS: CONTRIBUIÇÕES SINTÁTICAS PARA REVISORES DE TEXTOS

Rubens do Nascimento Lago*

RESUMO

Este artigo tem o escopo de investigar e analisar a possibilidade de uso da pontuação – vírgula – em orações subordinadas adjetivas restritivas – orações adjetivas restritivas. Para explorar esse argumento, o presente trabalho partiu de uma análise histórica sobre o uso da pontuação, por meio de alguns conceitos pertinentes para o desdobramento da pesquisa. A pesquisa também tratou do conceito de gênero textual conforme o entendimento de dois grandes autores, Luiz Antônio Marcuschi e Ingedore Villaça Koch. Em seguida, houve a preocupação de expor as principais incumbências do revisor de textos segundo a visão de Athayde (2011) e Coelho Neto (2013). Diante dessas informações, é necessário também conhecer as principais considerações que gramáticas normativas afirmam acerca das orações adjetivas restritivas, analisando a possibilidade de inserção da vírgula nessas estruturas. Esse é o ponto primordial da pesquisa, uma vez que se pode averiguar o conceito que autores tradicionais têm sobre o assunto. Por conseguinte, será apresentada a análise de dados, a fim de comprovar a possibilidade de uso da vírgula em tais estruturas, haja vista que se trata de ensinamento desconhecido para a maioria dos profissionais de revisão de textos, bem como para o público de forma geral. Os dados foram coletados do gênero textual monografia, os quais serão analisados por meio de sua identificação real, bem como serão realizadas propostas de intervenção e, por fim, propostas de texto revisado, com o intuito de fortalecer a importância do revisor de textos em gêneros textuais que necessitem da aplicação da norma padrão da Língua Portuguesa em seus respectivos domínios discursivos. Logo, é importante frisar que o trabalho se trata também de uma análise microestrutural.

Palavras-chave: Orações adjetivas restritivas. Vírgula. Resenha acadêmica. Revisor de textos.

* Graduado em Letras: português/inglês e respectivas literaturas. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/FACES). Brasília, DF, 2013.

Artigo apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Edineide dos Santos Silva. Brasília, DF, 2016.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos da gramática normativa da Língua Portuguesa objetivam transmitir, sobretudo em meios acadêmicos, as normas esparsas e sustentadas por diversos autores tradicionais e renomados do ramo. No entanto, nem sempre essas normas evidenciam cem por cento da realidade, ou seja, há casos em que a regra é constantemente quebrada. Isso, às vezes, dificulta a aprendizagem do público interessado na norma padrão da língua.

Neste artigo, não será diferente, a regra será quebrada mais uma vez, confirmando que a língua é interativa e dinâmica, não podendo ficar vinculada às normas prescritas na gramática normativa.

Diante disso, o presente artigo tem o objetivo geral de investigar e analisar a possibilidade de uso da vírgula em orações adjetivas restritivas.

Essa teoria é pouco conhecida ou talvez não aceita por autores renomados, já para o público em geral a teoria é talvez jamais vista. Num primeiro momento, você pode se questionar: “Como é possível o uso de vírgula em orações adjetivas restritivas?” Questionamento normal e aceito para quem não conhece essa possibilidade e possivelmente nunca tenha ouvido falar nela. Mas, quer queira ou não, isso é possível e aceito na gramática normativa da Língua Portuguesa.

Assim, o objetivo específico é contribuir para o aprofundamento dos conhecimentos estruturais (sintáticos) de revisores de textos, bem como para o público em geral acerca dessa possibilidade de uso da vírgula.

Para alcançar esses objetivos, procedeu-se da seguinte maneira: uma análise da perspectiva histórica da pontuação, da perspectiva linguística e da perspectiva tradicional, a fim de delimitar a proposta do artigo; conceitos sobre gêneros textuais, uma vez que os dados foram extraídos de um gênero que requer domínio pleno da norma padrão da Língua Portuguesa; principais incumbências do revisor de textos, haja vista que este artigo tem como público-alvo principalmente esses profissionais; conceito de orações adjetivas restritivas e o uso da vírgula nesses períodos, buscando investigar quais autores defendem essa teoria e sobretudo expandir tal ensinamento; e analisar os dados coletados, averiguando a possibilidade de uso da vírgula em orações adjetivas restritivas, sempre perpassando por uma análise microestrutural dos dados coletados.

Por conseguinte, as considerações finais tratarão de demonstrar os resultados obtidos no decorrer desta pesquisa, com o intuito de enriquecer os conhecimentos sobre a gramática normativa da Língua Portuguesa, bem como aperfeiçoar os conhecimentos sintáticos de revisores de textos e do público em geral acerca dessa possibilidade de emprego da vírgula.

2 PONTUAÇÃO

Para que haja uma concatenação entre os argumentos que serão defendidos neste trabalho, é importante conhecer como se iniciou os estudos acerca da pontuação. Essa análise far-se-á de modo sucinto para que não se perca o foco da pesquisa.

2.1 Perspectiva histórica

Diante da perspectiva histórica acerca da pontuação, assegura-se que esse estudo passou a ter grande relevância na Idade Média. Nesse período, perante a ausência de normatividade para uma pontuação adequada, afirma-se que os autores dificilmente escreviam seus textos, eram assessorados pelos “escribas” e também contava com o apoio do editor. Nesse sentido, a tarefa de produção textual era dividida para esses três profissionais, que adotavam maneiras diversificadas para pontuar o texto.

Antigamente, não havia uma definição concreta de como pontuar adequadamente; contudo, era possível encontrar listas de signos sobre a indicação adequada para o uso da pontuação.

Posteriormente, surge a Idade Moderna e sua forma de pontuar, que, por mais que existisse naquela época duas orientações a serem seguidas sobre a pontuação correta – a pausal e a gramatical –, era levada em consideração a teoria gramatical, uma vez que se entendia que essa teoria tinha um papel lógico diante da língua.

Em contrapartida, diante de uma abordagem sincrônica da pontuação, Rocha (1997, p.10) afirma que o sistema escrito naquela época tinha pouco a contribuir para os estudos formais.

A literatura corrente sobre linguagem escrita e sistemas escritos tem pouco a dizer sobre a pontuação, seja do ponto de vista histórico ou teórico. Do ponto de vista descritivo também há poucos dados sobre como os sistemas de pontuação das línguas são usados atualmente. A maioria das publicações (manuais de pontuação) se atém aos aspectos normativos. A mesma lacuna observada em relação ao sistema gráfico do português ocorre em outras línguas, como o francês (Catach, 1980:3), o inglês (Nunberg, 1991:9) e o espanhol (Ferreiro, 1991:233 apud ROCHA, 1997, p.10).

Diante dessas informações, verifica-se que, na perspectiva histórica, o sistema de pontuação não tinha regras definidas sobre a forma correta de se pontuar. Logo, trata-se de uma época que pouco pôde contribuir para a evolução da pontuação.

2.2 Perspectiva linguística

Partindo para uma vertente linguística acerca da pontuação, encontra-se um segmento relevante para este estudo. Por muito tempo, a escrita foi vista como algo desprovido de interesse teórico, considerada como um modo de expressão alternativo à fala (ROCHA, 1997, p.10).

Seguindo essa linha de raciocínio, entende-se que a corrente linguística pouco tinha a oferecer para os estudos do sistema de pontuação naquele período.

Entretanto, é possível identificar alguns posicionamentos diante do sistema de pontuação conforme a visão linguística.

Ao que parece, vigoram duas posturas para interpretar a questão: uma que vê a pontuação, dentro do sistema geral da escrita, como desvinculada da fala e outra que considera a pontuação, como elemento do sistema gráfico, afetado também a influências da oralidade. (ROCHA, 1997, p.11).

Logo, a visão linguística afirma que a pontuação versa sobre conjunto de signos visuais que acompanham o texto escrito, interiores ao texto e comuns ao manuscrito e ao impresso; a pontuação compreende, portanto, variadas classes de signos gráficos discretos, formando um sistema, completando ou suplementando a informação alfabética.

A seguir, observe uma análise conforme a perspectiva tradicional, que será objeto de estudo deste trabalho.

2.3 Perspectiva tradicional

Na perspectiva tradicional, há uma visão mais pertinente sobre pontuação, cabe mencionar conceitos de autores distintos para que se possa averiguar qual autor (a) contribuirá para os objetivos deste trabalho. Nesse sentido, observa-se o conceito tradicional de Celso Cunha e Lindley Cintra, Evanildo Bechara, José Carlos de Azeredo e Rocha Lima.

A definição de Cunha e Cintra ensina que a língua falada, por meio de recursos rítmicos e melódicos, não corresponde à língua escrita, assim a pontuação surge para sanar os problemas advindos da escrita. Os autores não aprofundam no conceito de pontuação, trata-se, portanto, de uma visão breve sobre o assunto.

Já Bechara define bem pontuação, o autor aprofunda e confirma aquilo que já foi comentado na perspectiva histórica e linguística, de sorte que a abordagem desse autor sobre pontuação irá consolidar a perspectiva tradicional da pontuação.

Bechara ensina que:

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que “vestem” os fonemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, “sinais de orações”, podendo comutar com tais unidades, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. (BECHARA, 2009, p.604).

Portanto, a definição de Bechara torna-se bastante relevante para o enriquecimento desta análise e para o público que busca uma definição aprofundada de pontuação. O conceito do autor será levado em consideração neste trabalho.

Para Azeredo, a produção textual consiste em uma série de decisões relacionadas ao uso dos sinais gráficos. Azeredo (2008, p.519) explica que esses sinais têm papéis variados, seja para fins propriamente estéticos – como os espaços e o modelo de letra –, seja para a indicação de pausas – como a vírgula, o ponto e as reticências.

Essa definição do autor é sucinta para os desdobramentos deste artigo, pois ele correlaciona a pontuação – sinais gráficos –, pontos, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, travessão, parênteses, colchetes, reticências, aspas entre outros, com os atos de fala a partir de uma leitura textual em voz alta. No entanto, Azeredo (2008, p.519) ensina que isso nem sempre será possível a partir da espontaneidade de um monólogo que não decorre da escrita, haja vista que, na fala, ocorrem certas

inflexões advindas de hesitações ou manifestações psicológicas que não podem ser registradas em um texto formal escrito.

Por fim, Lima define pontuação de forma simples: as pausas rítmicas, assinaladas na pronúncia por entoações características e na escrita por sinais especiais, são de três espécies.

1) Pausa que não quebra a continuidade do discurso, indicativa de que a frase ainda não foi concluída, a vírgula, o travessão, os parênteses, o ponto e vírgula, os dois pontos. 2) Pausa que indica o término do discurso ou de parte dele, o ponto simples, o ponto parágrafo, o ponto final. 3) Pausa que serve para frisar uma intenção ou estado emotivo, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências. (LIMA, 2013, p.551).

Diante dessa definição, nota-se que há semelhanças de definição entre José Carlos de Azeredo e Rocha Lima, pois se trata de conceitos próximos acerca da posição tradicional de pontuação.

Desse modo, nota-se que, diante de todas essas definições sobre pontuação, a definição de Bechara se torna importante para o objetivo desta pesquisa e para o público que almeja aprimorar o conhecimento sobre o assunto.

Talvez seu questionamento seja: “Vírgula em orações adjetivas restritivas, como isso é possível?” Bom, o escopo deste trabalho é analisar e investigar o conceito dessa abordagem sintática conforme autores tradicionais da gramática normativa, expandir as considerações defendidas por autores distintos sobre a temática e verificar como revisores de textos poderiam se posicionar diante dessa possibilidade de emprego da vírgula.

Entretanto, antes de adentrar nesse cenário propriamente dito, na sequência, será abordado o conceito de gênero textual, a fim de que se possa clarificar qual gênero será analisado na análise de dados.

3 GÊNERO TEXTUAL

É importante conhecer e analisar a noção e a abrangência dos gêneros textuais – interdisciplinaridade –, para que se possa chegar ao objetivo deste trabalho, que é discorrer sobre a possibilidade do uso da vírgula em orações adjetivas restritivas, realizando uma proposta de intervenção, bem como uma análise microestrutural do trecho coletado.

Observa-se que os estudos acerca dos gêneros textuais são bem antigos e têm seus assuntos direcionados aos gêneros literários. Sua análise iniciou-se em Platão e consolidou-se mais adiante com Aristóteles.

Quanto às considerações de Luiz Antônio Marcuschi, ao debruçar sobre o estudo histórico de gênero textual, Marcuschi (2008, p.147) esclarece que o termo “gênero” perpassou a Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX.

Hodiernamente, a noção de gênero não se refere somente a literários, mas a várias distinções textuais que se podem utilizar para se comunicar. No entanto, é necessário que os gêneros estejam em consonância com as diversas situações comunicativas.

Corroborando essa ideia, o autor ilustra a noção de gênero textual de forma simples, porém enfática:

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Diante dessa definição, evidencia-se que os gêneros são situações comunicativas diversas e, sobretudo, abertas, além de se constituírem de fontes textuais escritas ou orais muito fixas e conforme sua variação social.

Todavia, ao analisar o gênero textual quanto a sua abrangência segundo as lições de Marcuschi (2008, p.156), afirma-se que os gêneros textuais são textos concatenados a distintas áreas, ou seja, têm sua formação ligada a várias outras atividades sociais e culturais, formalizando sua interdisciplinaridade.

O autor afirma ainda que o gênero textual deve ser visto como uma entidade dinâmica, mas sem deixar de observar suas características fundamentais que elencam o motivo de sua existência no mundo, formado geralmente por diversos traços interdisciplinares.

Diante disso, o quadro abaixo revela a área de pesquisa que este trabalho disporá para a realização da coleta de dados. O quadro é fruto do trabalho de Marcuschi, em sua obra “Produção textual, análise de gêneros e compreensão”.

Figura 1 – Gêneros Textuais: Domínios Discursivos e Modalidades de Uso da Língua

DOMÍNIOS DISCURSIVOS	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
INSTRUCIONAL (científico, acadêmico e educacional)	artigos científicos; verbetes de enciclopédias; relatórios científicos; notas de aula; nota de rodapé; diários de campo; teses; dissertações; monografias ; glossário; artigos de divulgação científica; tabelas; mapas; gráficos; resumos de artigos de livros; resumos de livros; resumos de conferências; resenhas; comentários; biografias; projetos; solicitação de bolsa; cronograma de trabalho; organograma de atividade; monografia de curso; monografia de disciplina; definição; autobiografias; manuais de ensino; bibliografia; ficha catalográfica; memorial; curriculum vitae; parecer técnico; verbete; parecer sobre tese; parecer sobre artigo; parecer sobre projeto; carta de apresentação; carta de recomendação; ata de reunião; sumário; índice remissivo; diploma; índice onomástico; dicionário; prova de língua; prova de vestibular; prova de múltipla escolha; diploma; certificado de especialização; certificado de proficiência; atestado de participação; epígrafe	conferências; debates; discussões; exposições; comunicações; aulas participativas; aulas expositivas; entrevistas de campo; exames orais; exames finais; seminários de iniciantes; seminários avançados; seminários temáticos; colóquios; prova oral; arguição de tese; arguição de dissertação; entrevista de seleção de curso; aula de concurso; aulas em vídeo; aulas pelo rádio; aconselhamentos

Fonte: Marcuschi (2008, p.194, com adaptações)

Portanto, o gênero textual que será analisado neste trabalho é a monografia. Tal gênero dispõe de característica própria, sendo que carece de grande formalidade, exigida pela norma padrão da Língua Portuguesa. Ou seja, nesse gênero, não há espaço para o coloquialismo, regionalismo, pessoalidade, informalidade. Nele, é impreterível o uso da gramática normativa em sua criação, pois, futuramente, será um texto acessível ao público em geral. Assim, ele deve ter linguagem que possa ser compreendida por todos que consigam usufruir da Língua Portuguesa em sua comunicação.

Quanto às considerações de Ingedore Villaça Koch, a autora menciona a perspectiva bakhtiniana sobre gêneros textuais, que marcou o início de vários desdobramentos acerca do tema.

Um gênero pode ser assim caracterizado: são tipos relativamente estáveis de enunciados presentes em cada esfera de troca, os gêneros possuem uma forma de composição, um plano composicional; além do plano composicional, distinguem-se pelo conteúdo temático e pelo estilo; trata-se de entidades escolhidas, tendo em vista as esferas de necessidades temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou a intenção do locutor, sujeito responsável por enunciados, unidades reais e concretas da comunicação verbal. (KOCH, 2009, p.106 e 107).

Nesse âmbito, o gênero textual pode ser estruturado conforme sua finalidade, ou seja, de acordo com sua perspectiva comunicativa, seu estilo, seu conteúdo temático entre outras formas de composição, o que o torna bem flexível e dinâmico. Assim, o gênero textual possui ampla interdisciplinaridade, a depender de sua aplicabilidade funcional para o qual foi criado.

Portanto, para Koch (2009, p.102), o indivíduo desenvolve uma competência metagenérica que possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolve nas diversas práticas sociais. Assim, essa competência auxilia na produção e compreensão de gêneros textuais.

A seguir é exposto funções sociais que abrangem o gênero textual monografia, a fim de clarificar seu domínio discursivo.

3.1 Funções sociais: gênero textual monografia

Os gêneros textuais monografias possuem funções sociais muito importantes para o mundo acadêmico, porquanto é requisito indispensável para conclusão de curso superior e outras formações acadêmicas.

Nesse sentido, o gênero abordado deve ser divulgado conforme os parâmetros da norma padrão da Língua Portuguesa, ou seja, é imprescindível que o leitor esteja diante de um texto com critérios formais da língua.

Diante disso, é necessário que esse gênero seja elaborado conforme o seu meio de comunicação, isto é, conforme cada área a que se destina. Por se tratar de gênero rigoroso com a norma padrão da língua, é quase que inevitável a presença de um revisor de textos, profissional que auxiliará na elaboração do texto do autor, participando de diversas etapas, a fim de que possa auxiliá-lo a construir um texto com o menor número de equívocos possíveis.

Logo, a próxima abordagem cuidará de apresentar as principais tarefas desempenhadas pelo revisor de textos no exercício de sua função. Isso será importante para que se possa entender a real importância do revisor de textos e suas principais incumbências.

4 PRINCIPAIS INCUMBÊNCIAS DO REVISOR DE TEXTOS

Em princípio, revisor de textos é o profissional capaz de conferir ao texto escrito correção, concisão, clareza, sequencialização lógica entre as ideias, com o intuito de minimizar os equívocos presentes no texto constituído por um determinado autor. O revisor deve esclarecer partes do texto que estejam com problemas de construção, desde de uma análise fonética e fonológica, morfológica, sintática, semântica até o ponto de vista estilístico do autor, este, caso o solicite.

Assim, Athayde (2011, p.14) afirma que, além destas funções básicas de tratar de incorreções ortográficas e gramaticais, o revisor deve estar apto a trabalhar com textos de diferentes tipos e gêneros. Logo, justifica-se o porquê de se citar o conceito de gênero textual no terceiro capítulo, haja vista que o revisor deve ser capaz de categorizar e confrontar um gênero textual com outro, pois isso também é papel do revisor de textos.

Diante disso, observa-se também que, além dessas análises e interferências realizadas pelo revisor, o texto deve ser, necessariamente, coerente e deve estar em sintonia com os aspectos microestruturais e macroestruturais, dessa forma ter-se-á um texto de boa qualidade e que possa suprir o escopo para o qual foi criado.

Em consonância com os ensinamentos de Públio Athayde, nota-se uma excelente definição acerca das incumbências que um bom revisor deve possuir.

Pode-se afirmar que o revisor de textos deve dominar as regras gramaticais da língua padrão do texto, bem como atentar para a redação, revisão de provas, revisão padrão (ou padronização textual) e revisão gramatical. O revisor trabalhará com uma enorme variedade de gêneros de textos provenientes de grande variedade de autores, textos técnicos, científico, acadêmicos, jornalísticos e comerciais (revistas, jornais, livros, manuais, cartas, relatórios, apostilas, teses, monografias, tabelas, gráficos, transparências, *folders*, entre outros), que serão publicados, na maioria das vezes, ou terão outro destino igualmente nobre. (ATHAYDE, 2011, p.17).

Essa definição esmiuçada do autor ilustra que o revisor necessita dominar e aperfeiçoar, cada vez mais, seus conhecimentos sobre a matéria, de sorte que busque reduzir ao máximo as possíveis falhas em seu trabalho de revisão.

Portanto, conforme essas informações, é indubitável que as pessoas não fazem ideia da sinuosidade que norteia o trabalho de revisão. Isso ocorre do texto mais simples ao mais complexo, uma vez que qualquer autor, por mais competente que seja, comete erros na construção de um texto, produz períodos incoerentes, inconsistentes, produz períodos com equívocos ortográficos e em conflito com as

normas gramaticais. Assim, o revisor torna-se indispensável para os autores que desejam assegurar a alta qualidade de seu texto.

Para fortalecer o que foi mencionado anteriormente, Aristides Coelho Neto expõe a importância e o porquê de se ter um profissional qualificado para exercer esse papel fundamental.

Coelho Neto (2013, p.58) ilustra que “Qualquer autor, por melhor que seja, comete erros, emite conceitos incoerentes, é repetitivo, fica cego às vezes a coisas absurdas que o seu texto contém”. O autor menciona que isso é reflexo do trabalho exaustivo que o autor obtém diante da criação de seu texto. Logo, fica clara a necessidade de um revisor para sanar ao máximo os equívocos constantes no texto do autor.

Nesse sentido, Coelho Neto (2013, p.58) reconhece que “Quanto mais preparado estiver o revisor, mais “catástrofes” poderão ser evitadas”. Ou seja, isso clarifica a ideia de que o revisor de textos deve buscar o aperfeiçoamento constantemente, não basta apenas estar em sintonia com o trabalho diário, é preciso, indubitavelmente, que haja uma educação continuada por meio de cursos relacionados à área de trabalho, fazendo com que o profissional se qualifique e evite erros que talvez possa cometer por excesso de confiança.

Coelho Neto esclarece algumas atribuições que o revisor deverá exercer em sua profissão, isso é importante para entender o posicionamento do autor acerca do papel do revisor.

Revisar os originais (ou provas, ou heliográficas, ou fotolitos) aprovados para edição por: editoras, gráficas, agências de publicidade, autores, mestrados, doutorandos, preparadores de originais de quaisquer instituições etc. Revisar, se tiver experiência, traduções, cotejando-as com os originais (necessita de um auxiliar, em tais casos). É a chamada revisão técnica. Revisar textos a serem disponibilizados na internet. Revisar livros já publicados, objetivando uma edição revista (e/ou ampliada). Proceder a quantas revisões forem acordadas com o cliente. (COELHO NETO, 2013, p.59).

Por fim, conforme as duas perspectivas expostas pelos autores – Públio Athayde e Aristides Coelho Neto –, o revisor de textos tem o papel fundamental para sanar diversos problemas que porventura possam ocorrer na construção de um texto, qualquer que seja o gênero em discussão, isso confirma a importância do profissional que atua como revisor de textos. É importante que a área de atuação do revisor se expanda e alcance domínio discursivo diverso.

Ante o exposto, o próximo capítulo versa sobre o conceito de orações adjetivas restritivas, defendido por diversos autores da gramática normativa, uma visão tradicional sobre o assunto e que revisores de textos devem conhecer a fim de que possam evoluir seus conhecimentos sobre a norma padrão da Língua Portuguesa.

Autores renomados apresentam conceitos semelhantes, entretanto quatro deles ilustram definição distinta ou talvez não aceita por autores diversos. Trata-se de teoria pouco conhecida e que será objeto de estudo deste artigo, com a finalidade de demonstrar essa visão sobretudo a revisores de textos: a possibilidade de uso da vírgula em orações adjetivas restritivas, conforme os ensinamentos de Evanildo Bechara, Napoleão Mendes de Almeida, Madre Olívia e Celso Pedro Luft.

É importante mencionar que Almeida (2009, p.573), Olívia (1982, p.57) e Luft (2007, p.54) também sustentam essa possibilidade de aplicabilidade da vírgula em orações adjetivas restritivas; contudo, o estudo será direcionado ao conceito defendido por Bechara (2009, p.610), por se tratar de teoria mais detalhada sobre essa temática.

5 CONCEITO DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS RESTRITIVAS E A POSSIBILIDADE DE USO DA VÍRGULA NESSES PERÍODOS

Este capítulo destina-se a apresentação dos diversos conceitos acerca das orações adjetivas restritivas do ponto de vista tradicional, pois essas orações são o foco deste trabalho. O objetivo é demonstrar pensamentos distintos de autores renomados sobre o assunto.

Entretanto, para esta pesquisa, apenas um desses conceitos será esmiuçado em detrimento dos demais. Para o bom entendimento desta análise, abaixo será mostrado o conceito de orações subordinadas adjetivas, para posteriormente filtrar o objetivo central da pesquisa, que é orações adjetivas restritivas.

Um conceito geral acerca das orações subordinadas adjetivas é que elas são introduzidas por um pronome relativo (função morfológica) que faz referência a um antecedente da oração anterior, antecedente mais próximo ou não. Essas orações virão geralmente representadas pelo pronome relativo “que” e poderá ser substituído pelos pronomes relativos “o qual, a qual, os quais, as quais” a fim de

evidenciar a real existência do pronome relativo no período. Vale ressaltar que essas orações poderão existir sem antecedente.

O pronome relativo que introduz a oração subordinada adjetiva sempre será elemento coesivo anafórico, haja vista que se remete a algo que já fora dito. Outro ponto importante é que o pronome relativo exerce a função sintática que o termo antecedente exerceria caso ali estivesse.

Para ampliar os conhecimentos sobre o assunto, as orações subordinadas adjetivas podem ser divididas em orações subordinadas adjetivas explicativas ou orações subordinadas adjetivas restritivas.

A grande diferença entre elas é que esta aparece no período sem pontuação e restringe, especifica ou delimita o termo antecedente, tornando-se indispensável para a construção do sentido do período; ao passo que aquela aparece no período com pontuação obrigatória, uma vez que explica ou aponta uma característica de cunho geral do termo antecedente e que é dispensável ao período pelo fato de sua ausência não prejudicar o sentido do período.

Esse foi um breve conceito com relação às orações subordinadas adjetivas. Neste momento, será verificada a possibilidade de pontuação em orações adjetivas restritivas, conforme diversos estudiosos. Observe que antes fora dito que as orações adjetivas restritivas aparecem no período sem pontuação, porquanto restringem, especificam ou delimitam o termo antecedente. Portanto, o objetivo deste trabalho é expandir, para revisores de textos e também para o público em geral, a possibilidade de uso da vírgula em orações adjetivas restritivas, conforme Evanildo Bechara, Napoleão Mendes de Almeida, Madre Olívia e Celso Pedro Luft.

A partir de agora, o foco será nas orações adjetivas restritivas. Observe abaixo alguns conceitos de autores renomados sobre o assunto.

5.1 Abordagem de orações adjetivas restritivas segundo diversos posicionamentos

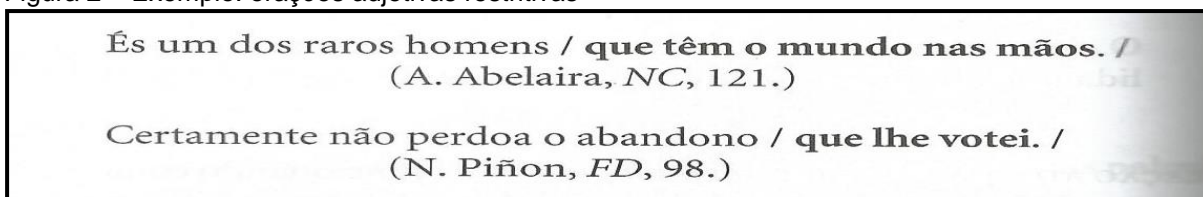
Quanto aos ensinamentos de Celso Cunha e Lindley Cintra, não há que falar em pontuação nas orações adjetivas restritivas. Os autores não defendem essa possibilidade. Para eles, tais orações não se separam por vírgula.

Perceba como os autores abordam o conceito dessas orações.

As restritivas, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula. (CUNHA E CINTRA, 2013, p.618).

Observe os exemplos citados na obra dos referidos autores por meio da Figura 2.

Figura 2 – Exemplo: orações adjetivas restritivas



Fonte: Cunha e Cintra (2013, p.618, com adaptações)

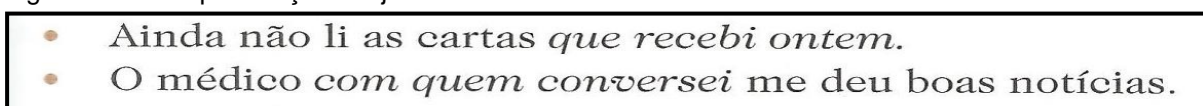
A informação mais relevante nesse conceito é entender que, para eles, as orações adjetivas restritivas não se separam por vírgula.

Observe outro conceito tradicional acerca do assunto.

Quanto aos ensinamentos de José Carlos de Azeredo, nota-se que o autor não menciona a possibilidade de inserção de vírgula em orações adjetivas restritivas. De todas as possibilidades de pontuação ilustradas em sua obra "Gramática Houaiss da Língua Portuguesa", nenhuma delas demonstra a existência de vírgula em orações adjetivas restritivas.

Abaixo segue os exemplos retirados da obra do autor para a confirmação da informação.

Figura 3 – Exemplo: orações adjetivas restritivas



Fonte: Azeredo (2008, p.319, com adaptações)

Observa-se mais um autor tradicional que não defende a possibilidade de vírgula em tais estruturas.

Diante disso, veja o posicionamento de uma autora bastante conceituada quando o assunto é Língua Portuguesa.

Quanto aos ensinamentos de Maria Helena de Moura Neves, é importante mencionar algumas teorias acerca desse assunto. Moura Neves (2011, p.375 a 378)

afirma que as orações adjetivas restritivas podem ser com antecedente ou sem antecedente e o que a diferencia da oração subordinada adjetiva explicativa é a informação inserida que serve para identificar um subconjunto dentro de um conjunto, ao passo que a informação na oração adjetiva explicativa é suplementar, não servindo para identificar nenhum conjunto dentro de um conjunto.

A autora, na referida obra, não menciona a possibilidade de uso da vírgula em orações adjetivas restritivas.

Portanto, infere-se que a autora pode conhecer, todavia pode não defender a possibilidade da vírgula em orações subordinadas adjetivas restritivas. Veja os exemplos da autora.

Figura 4 – Exemplo: orações adjetivas restritivas

O médico QUE dera o atestado chamava-se Pedro M. Silva. (BU)
O potentado hindu a QUEM vendi minha coleção de palitos agora deu para colecionar pulgas, vivas ou mortas. (AL)
Esta noite o aquecimento do edifício ONDE moro não funcionou. (CV)

Fonte: Moura Neves (2011, p.374, com adaptações)

Aprecie agora o que ensina Rocha Lima sobre o assunto.

Quanto aos ensinamentos de Rocha Lima (2013, p.336), “A oração restritiva tem por ofício delimitar o antecedente, com o qual forma um todo significativo; em razão disso, não pode ser suprimida, sob pena de a oração principal ficar prejudicada em sua compreensão.”

Veja o exemplo do autor.

Figura 5 – Exemplo: oração adjetiva restritiva

Os pecadores / que se arrependem / alcançam o perdão de Deus.

Fonte: Lima (2013, p.336, com adaptações)

Essa teoria é bastante sucinta. Dessa forma, o autor não argumenta sobre a possibilidade de emprego da vírgula em tais orações.

Na sequência, nota-se um conceito sobre essa temática de maior importância para a sustentação dos argumentos deste trabalho. Observe bem o que o próximo estudioso ensina sobre o assunto.

Quanto aos ensinamentos de Evanildo Bechara, evidencia-se o ponto mais importante deste trabalho, uma vez que, para Bechara, as orações adjetivas restritivas podem ser pontuadas. Entretanto, o autor deixa claro como isso pode ocorrer no texto.

Bechara (2009, p.610) explica o uso adequado da pontuação e enumera as possibilidades de inserção da vírgula: “h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam: ”

O autor ainda enfatiza que essa vírgula poderá existir mesmo que separe o sujeito expandido pela oração adjetiva restritiva do verbo da oração principal.

Portanto, observe o conceito e os exemplos que o autor ilustra em sua obra sobre a vírgula em orações adjetivas restritivas.

Figura 6 – Exemplo: orações adjetivas restritivas

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

“No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros...” [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

Fonte: Bechara (2009, p.610, com adaptações)

Nesse sentido, fica claro que a vírgula poderá ocorrer nas orações adjetivas restritivas. Na análise de dados, pode-se entender como se dá essa pontuação por meio dos exemplos coletados e inseridos nesta pesquisa como proposta de intervenção para o trabalho de revisores de textos.

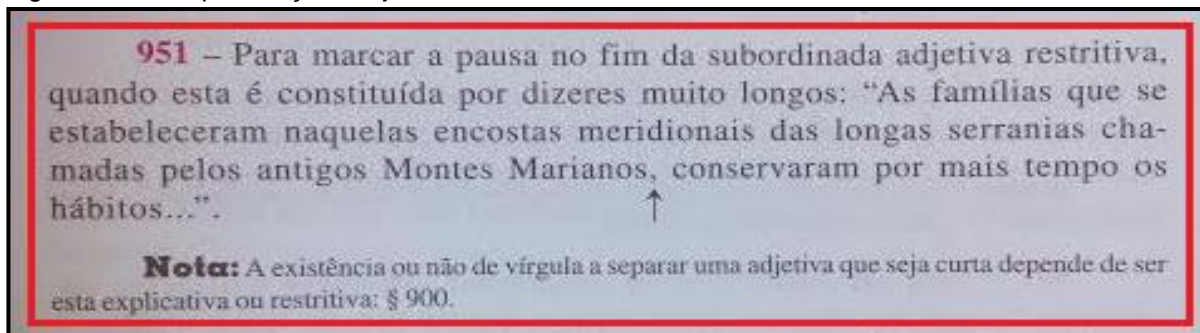
Note agora outra definição que sustenta os estudos de Bechara sobre esse embasamento teórico.

Quanto aos ensinamentos de Napoleão Mendes de Almeida, a vírgula pode ser empregada “Para marcar a pausa no fim da subordinada adjetiva restritiva, quando esta é constituída por dizeres muito longos: ”, (ALMEIDA, 2009, p.573).

O autor ensina ainda que o uso da vírgula nas orações adjetivas curtas dependerá de sua classificação sintática – explicativa ou restritiva.

Observe como o autor contempla essa possibilidade de vírgula em sua obra “Gramática Metódica da Língua portuguesa”.

Figura 7 – Exemplo: orações adjetivas restritivas



Fonte: Almeida (2009, p.573, com adaptações)

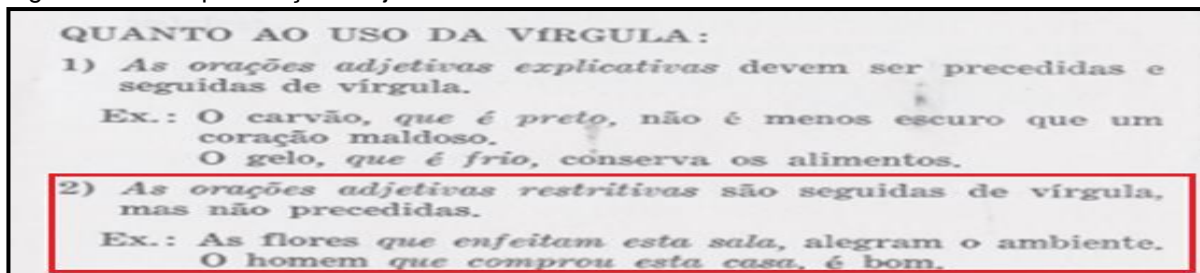
Em face dessa análise, vale destacar que Almeida e Bechara adotam conceito muito semelhante sobre essa temática.

Atente-se agora a outra análise acerca desse assunto.

Quanto aos ensinamentos de Madre Olívia, a autora afirma que é possível o uso da vírgula em orações adjetivas restritivas. Olívia (1982, p.57) diz que “As orações adjetivas restritivas são seguidas de vírgula, mas não precedidas.”.

Análise como a autora aborda essa questão em sua obra.

Figura 8 – Exemplo: orações adjetivas restritivas



Fonte: Olívia (1982, p.57, com adaptações)

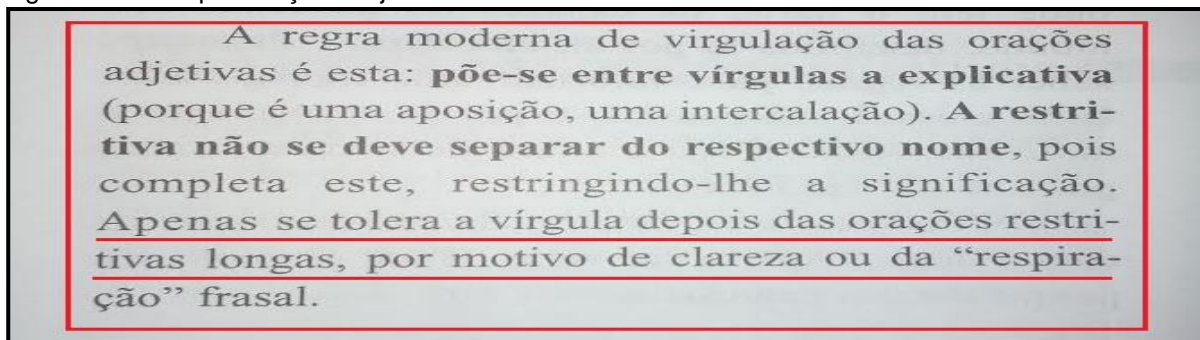
Nesse sentido, a argumentação sobre essa possibilidade de uso da vírgula se torna mais veemente.

Para sustentar ainda mais os argumentos defendidos até aqui, atente-se aos ensinamentos do próximo estudioso sobre essa vertente.

Quanto aos ensinamentos de Celso Pedro Luft, nota-se outra possibilidade de uso da vírgula nas orações adjetivas restritivas. Luft (2007, p.54) estabelece que só é possível o uso da vírgula nas orações adjetivas restritivas de grande extensão, por motivo de clareza ou da “respiração” frasal.

A seguir, é possível analisar como o autor ilustra esse conceito.

Figura 9 – Exemplo: orações adjetivas restritivas



Fonte: Luft (2007, p.54, com adaptações)

Apesar de saber que Luft corrobora a possibilidade de uso da vírgula nessas orações, o referido autor não aprofunda sua teoria, porquanto não explica o que é “respiração” frasal, assim como não justifica o que é oração adjetiva restritiva longa.

5.2 Considerações sobre a visão tradicional de orações adjetivas restritivas

Perante essa visão tradicional sobre o assunto, evidencia-se que Bechara, Almeida, Olívia e Luft defendem, de forma explícita, a possibilidade de inserção da vírgula em orações adjetivas restritivas.

Desse modo, este trabalho objetiva expandir esses ensinamentos, uma vez que autores distintos defendem a possibilidade de vírgula em orações adjetivas restritivas. De modo que, na sequência, será esmiuçado como isso poderá ocorrer, por intermédio da análise de dados e da proposta de intervenção, bem como da proposta de texto revisado, sempre seguindo a corrente de estudo de Bechara, uma vez que a teoria desse autor se torna mais pertinente para a análise.

6 ANÁLISE DE DADOS – MICROESTRUTURA

O presente artigo teve como estudo uma abordagem qualitativa e que pudesse clarificar o uso da vírgula em orações adjetivas restritivas segundo diversos estudiosos.

Existem várias interpretações com relação à abordagem qualitativa; todavia, é importante destacar um conceito para que se possa entender o campo de estudo que abrange esse tipo de pesquisa.

Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudo segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentado de forma descritiva. (OLIVEIRA, 2005, p.37).

Houve também a preocupação em realizar proposta de intervenção e texto revisado nos dados coletados, para comprovar a importância do revisor de textos neste gênero textual que exige o uso da norma padrão da língua – monografia.

Além disso, buscou-se contribuir, por meio da análise sintática, para o aprimoramento dos conhecimentos de revisores de textos e do público em geral. O impacto desta pesquisa é grande, haja vista que se trata de uma abordagem ainda desconhecida e talvez não aceita pela maioria dos estudiosos da Língua Portuguesa.

Os dados coletados foram digitalizados e inseridos no corpo do artigo para manter a originalidade do gênero textual abordado. Ao passo que a proposta de intervenção foi inserida pelos meios normais de elaboração de trabalho. A proposta de texto revisado foi explicitada por último na tabela, para evitar conflitos de entendimento acerca dos dados coletados.

É importante destacar que os dados foram retirados de três monografias distintas e que já foram apresentadas e que se encontram disponíveis ao público. As monografias pesquisadas são do curso da área de Administração do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

O objetivo não é criticar tais trabalhos e, sim, ilustrar a importância do revisor de textos na construção desse gênero textual. Por isso, o nome dos autores não será divulgado no corpo deste artigo, a fim de preservar ao máximo a imagem dos autores.

Portanto, vale enfatizar novamente que o principal objetivo é fundamentar a importância do revisor de textos em gêneros textuais que primam pela norma padrão da língua em seu corpo textual. De sorte que os autores que produziram as monografias analisadas, por não serem da área em questão, talvez não possuam os conhecimentos necessários para evitarem os equívocos gramaticais identificados ou

regras gramaticais que são um tanto quanto desconhecidas até mesmo para pessoas que atuam na área de revisão de textos.

Observe os dados coletados para a confirmação das informações inseridas e defendidas neste trabalho acadêmico.

6.1 Dados de 1 a 6

Dado 1: texto original: o dado analisado é o período destacado em vermelho.

remunerações, decisões sobre pessoal e políticas que premiem o comportamento empreendedor correto. Estratégias empreendedoras focadas no mercado aliadas à visão financeira da gestão e trabalho de equipe garantem sucesso a novos empreendimentos nas organizações.

"Uma empresa que queira ter a capacidade de inovar e que queira ter a oportunidade de prosperar em tempos de rápidas mudanças tem de incentivar o espírito de administração empreendedora dentro do seu próprio sistema. Tem que adotar políticas que criem o desejo de inovar e os hábitos do espírito empreendedor e da inovação em toda a organização. Para ser uma empreendedora bem sucedida, a empresa em funcionamento, seja grande seja pequena, tem de ser administrada como empresa empreendedora". (DRUCKER, 2002, p. 346)

Fonte: Gomes (2005, p.18, com adaptações)

Proposta de intervenção

A vírgula em orações adjetivas restritivas

Esse período poderia ser melhor estruturado, de maneira que é possível inferir que há, no período, oração adjetiva restritiva. Isso seria melhor identificado caso o autor inserisse o pronome relativo após "Estratégias empreendedoras" e o verbo "ser" flexionado para formar o particípio no respectivo período. Dessa forma, por uma questão de inferência, há no período oração adjetiva restritiva. Nesse caso, poderia também haver uma vírgula após a palavra "equipe", já que se trata de uma oração adjetiva restritiva de certa extensão.

Observe que a inserção da vírgula após "equipe" separaria o sujeito expandido de seu verbo na oração principal "Estratégias empreendedoras..., garantem sucesso..." Essa é uma das várias regras de pontuação: não se separa o sujeito, verbo e complemento verbal por pontuação. Entretanto, Bechara (2009, p. 610) entende que é possível o uso da vírgula nesse caso, pois se trata de uma oração adjetiva restritiva de certa extensão.

Análise microestrutural

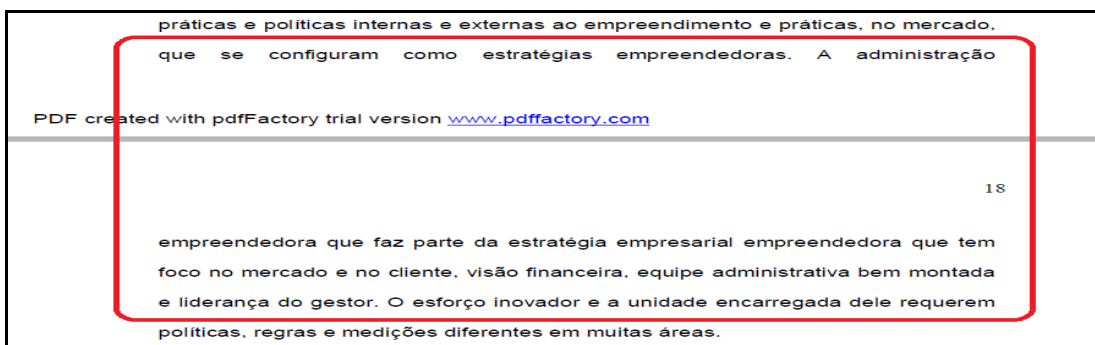
Partindo para uma análise mais profunda, pode-se observar que há problema na construção do período com relação ao paralelismo sintático em "visão financeira da gestão e trabalho de equipe". Portanto, a revisão do período seria bastante viável, ratificando a importância do revisor de textos em gênero textual como a monografia, que requer o uso da norma padrão da Língua Portuguesa em sua estrutura.

Abaixo, pode-se observar uma proposta de revisão para o período em questão.

Texto revisado

"Estratégias empreendedoras que são focadas no mercado e aliadas à visão financeira da gestão e do trabalho em equipe, garantem sucesso em novos empreendimentos nas organizações. "

Dado 2: texto original



Fonte: Gomes (2005, p.17 e 18, com adaptações)

Proposta de intervenção

A vírgula em orações adjetivas restritivas

Conforme mencionado na obra de Bechara (2009, p. 610), o período analisado pode ser estruturado de acordo com seu ensinamento acerca das orações adjetivas restritivas. Ao fazer alguns ajustes no período, é possível a inserção da vírgula para separar a oração adjetiva restritiva, haja vista que ela é consideravelmente de grande extensão. Bechara não especifica o que seria “grande extensão”; entretanto, tendo por base os outros dados analisados neste artigo, nota-se que esse período pode ser trabalhado como de “grande extensão”. Assim, é aceitável a inserção da vírgula nesse período, de modo que o texto revisado manteria o sentido que o autor quis transmitir no período.

Análise microestrutural

Esse trecho evidencia alguns problemas gramaticais, sobretudo semânticos, dificultando o entendimento claro que o leitor deve possuir em textos como esse. No período abordado, há ambiguidades com relação à inserção do segundo “que”, não se sabe se a oração adjetiva restritiva retoma “administração empreendedora ou a estratégia empresarial empreendedora”. Portanto, ratifica, mais uma vez, a importância do revisor de textos para auxiliar na construção desses gêneros textuais que requerem atenção redobrada em sua elaboração. O autor deveria também manter o paralelismo sintático do período em análise.

Abaixo segue a proposta de texto revisado.

Texto revisado

“A administração empreendedora que faz parte da estratégia empresarial empreendedora, tem foco no mercado, no cliente, na visão financeira, na equipe administrativa estruturada, bem como na liderança do gestor.”

Dado 3: texto original
<p>Porter (2004, p.5) aborda as cinco forças competitivas que são: “entrada, ameaças de substituição, poder de negociação dos compradores, poder de negociação dos fornecedores e rivalidade entre os atuais concorrentes”.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entrada: novas empresas que entram no mercado acarretam na divisão da parcela do mercado, os preços podem baixar ou os custos dos participantes podem inflacionar diminuindo a rentabilidade.
<p>Fonte: Melo (2008, p.31, com adaptações)</p>
Proposta de intervenção
<p style="text-align: center;">A vírgula em orações adjetivas restritivas</p> <p>Nesse período, há a possibilidade de intervenção com a inserção da vírgula após a palavra “mercado”, ou seja, no fim da oração adjetiva restritiva.</p> <p>A inserção dessa vírgula seria justificada conforme os ensinamentos de Bechara (2009, p. 610). Ele ensina que a vírgula pode ser empregada “para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam. ”. Contudo, Bechara não explica o que seria oração adjetiva restritiva de “certa extensão”. Assim, essa aplicação pode ocorrer no período em análise sem nenhum problema sintático.</p> <p>Dessarte, é aceito o uso da vírgula após a palavra “mercado”, mesmo que a vírgula separe o sujeito expandido pela oração adjetiva restritiva do verbo na oração principal. Assim, o período seria construído da seguinte forma: “novas empresas que entram no mercado, acarretam...”</p> <p style="text-align: center;">Análise microestrutural</p> <p>Há vários problemas gramaticais nesse período. A proposta de intervenção começa pelo verbo “acarretar”, que é um verbo transitivo direto nesse contexto e necessita, portanto, de um objeto direto, o qual não fica claro no período. Além disso, o autor separa por vírgula o verbo de seu complemento verbal, o que é proibido pela norma gramatical. Entretanto, nota-se um adjunto adverbial descolado, mas não fica claro se é isso que o autor quer transmitir ao leitor, dessa forma a construção do período fica muito prejudicada.</p> <p>Abaixo segue a proposta de texto revisado.</p>
Texto revisado
<p>“Entrada: novas empresas que entram no mercado, acarretam a divisão da parcela do mercado. Os preços podem baixar ou os custos dos participantes podem inflacionar, diminuindo a rentabilidade. ”</p>

Dado 4: texto original
<p>d) definição de objetivos</p> <p>A correta identificação e formulação dos objetivos e metas que o clube de futebol deve alcançar é fator fundamental para o sucesso do processo de planejamento estratégico. Segundo Moraes (2001), o objetivo é “um estado desejado no futuro, que a organização quer alcançar. Os objetivos são importantes porque as organizações existem para uma finalidade definida e estabelecida por elas.”</p> <p>Para Oliveira (2006), o objetivo é “o alvo ou situação que se pretende atingir. Aqui se determina para onde a empresa deve dirigir seus esforços”.</p>
<p>Fonte: Andreozzi (2007, p.28, com adaptações)</p>
Proposta de intervenção
<p>A vírgula em orações adjetivas restritivas</p> <p>Nesse período, nota-se novamente a possibilidade de inserção da vírgula em oração adjetiva restritiva segundo os parâmetros de Bechara (2009, p. 610), haja vista que houve a junção de dois verbos de orações diferentes, um da oração principal e um da oração subordinada. Nesse caso, Bechara (2009, p. 610) afirma que é possível a inserção da vírgula ainda que os verbos de duas orações diferentes se juntem.</p> <p>Análise microestrutural</p> <p>A análise microestrutural é prejudicada em alguns momentos do período. A gramática normativa ensina que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito, assim o período não clarifica se o sujeito é simples ou composto para que o verbo possa concordar com o núcleo ou com os núcleos em questão. Entretanto, conforme interpretação minuciosa do período, percebe-se que o autor faz referência a um sujeito composto nesse período.</p> <p>Portanto, abaixo segue a proposta de texto revisado.</p>
Texto revisado
<p>“A correta identificação e a correta formulação dos objetivos e metas que o clube de futebol deve alcançar, são fatores fundamentais para o sucesso do processo de planejamento estratégico.”</p>

Dado 5: texto original

Como entidades esportivas os objetivos dos clubes de futebol devem ser geralmente ligados a resultados como conquista de títulos, classificação para campeonatos ou torneios ou subir de divisão nos campeonatos estaduais e brasileiro. Um clube que está na série B do campeonato brasileiro pode ter como objetivo alcançar a primeira divisão, no ano seguinte se esse objetivo for alcançado ele deve-se definir um novo objetivo, como classificação para torneios continentais.

e) seleção de estratégias

Segundo Almeida (2003) uma dos fatores que permite identificar a utilização de estratégias dentro da empresa está na sua capacidade de interferir diretamente ou indiretamente em todas as áreas da empresa.

Fonte: Andreozzi (2007, p.29, com adaptações)

Proposta de intervenção

A vírgula em orações adjetivas restritivas

O período destacado é bastante truncado e de difícil compreensão acerca daquilo que o autor deseja transmitir ao seu interlocutor. Assim, diante de uma análise de reescrita objetiva e clara, é possível observar a possibilidade de pontuação em oração adjetiva restritiva. O trecho “Um clube que está na série B do campeonato brasileiro pode ter como objetivo...” pode ser estruturado conforme os ensinamentos de Bechara (2009, p.610), bem como os ensinamentos de Almeida (2009, p.573), por se tratar de oração adjetiva restritiva de “certa extensão” ou por se tratar de “dizeres” longos. É importante frisar que essa vírgula só será usada no fim da oração adjetiva restritiva, já que a oração adjetiva restritiva não é precedida de vírgula.

Análise microestrutural

Com relação à análise microestrutural, um ponto importante a ser observado é que há, no trecho em destaque, erro de digitação, “Um clube que está ma...”. Há também uma falta de compreensão no trecho “no ano seguinte”, pois não se sabe se se refere ao termo antecedente ou ao termo subsequente, isso ocorre devido a uma falha na pontuação do autor, há também a falta de pontuação obrigatória em outros momentos do trecho. Portanto, o período é bastante confuso para o entendimento adequado do interlocutor. Abaixo segue a proposta de texto revisado para o período em destaque.

Texto revisado

“Um clube que está na série B do Campeonato Brasileiro, pode ter como objetivo alcançar a primeira divisão no ano seguinte, se esse objetivo for alcançado, ele deve definir um novo objetivo, como a classificação para torneios continentais.”

Dado 6: texto original
<div data-bbox="1332 414 1364 443">33</div> <div data-bbox="272 465 1390 560" style="border: 2px solid red; padding: 10px;"> <p>minimização do custo". Os riscos que a liderança de custo acarreta, são especificados por Porter (2004, p. 48):</p> </div> <div data-bbox="571 562 1364 761" style="margin-left: 40px;"> <p>Mudança tecnológica que anula o investimento ou o aprendizado anteriores; Aprendizado de baixo custo por novas empresas que entrem na indústria ou por seguidores, por meio da imitação ou de sua capacidade de investir em instalações modernas; Incapacidade de ver a mudança necessária no produto ou no seu marketing em virtude da atenção colocada no custo; Inflação em custos que estreitam a capacidade de a firmar manter o diferenciamento de preço suficiente para compensar a imagem da marca do produto em relação ao preço dos concorrentes ou outras formas de diferenciamento.</p> </div>
<p>Fonte: Melo (2008, p.31, com adaptações)</p>
Proposta de intervenção
<p style="text-align: center;">A vírgula em orações adjetivas restritivas</p> <p>Nesse período, nota-se que o autor pode ter se apropriado dos ensinamentos de Bechara (2009, p. 610) para a construção do período. Bechara assegura que é possível o emprego da vírgula para separar, mas não em todo caso, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, sobretudo quando houver a junção de verbos de orações diferentes, ainda que a vírgula separe o sujeito expandido do verbo na oração principal.</p> <p>Portanto, o autor do período em destaque faz a inserção da vírgula de forma adequada e segundo a teoria de Bechara (2009, p. 610).</p> <p>Desse modo, fica clara a possibilidade de uso da vírgula em orações adjetivas restritivas.</p> <p style="text-align: center;">Análise microestrutural</p> <p>A análise microestrutural do período é bastante eficiente e conforme os critérios da norma padrão da Língua Portuguesa e como deve ser feito nesse gênero textual em questão.</p> <p>Assim, diante desse dado analisado, não será elaborada a proposta de texto revisado, pois o período foi muito bem construído.</p>
Texto revisado
<p>“Os riscos que a liderança de custo acarreta, são especificados por Poter (2004, p. 48): ”</p>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das considerações teóricas e da análise dos dados – sobretudo no que diz respeito às afirmativas de Bechara, Almeida, Olívia e Luft –, observou-se que Bechara afirma que o uso da vírgula serve para separar, “quase sempre”, as orações adjetivas restritivas de “certa extensão”. Contudo, não menciona o motivo do “quase sempre” e nem o que seria uma oração adjetiva restritiva de “certa extensão”; Almeida também corrobora essa possibilidade de uso da vírgula nas orações adjetivas restritivas, desde que essa oração seja explicitada com “dizeres” muito longos e desde que seja no final; Olívia, por sua vez, afirma que “*As orações adjetivas restritivas* são seguidas de vírgula, mas não precedidas”, sem aprofundar a questão, todavia também contempla o uso da vírgula nas orações adjetivas restritivas; enquanto Luft explica o emprego da vírgula no caso de orações adjetivas restritivas longas e se por motivo de clareza ou da “respiração” frasal, embora não defina, assim como Bechara, o que são “orações longas” e o que seria “respiração” frasal, Luft também aceita a pontuação nas orações adjetivas restritivas.

Por essas razões, a análise deste tema não se encerra por aqui, pois é preciso investigar os contextos sintáticos, estilísticos e discursivos em que favorecem o uso da vírgula nas orações adjetivas restritivas.

Quanto à revisão, é importante considerar que revisores de textos devem estar se atualizando constantemente, sobretudo para evitar equívocos na revisão diante do uso da vírgula em orações adjetivas restritivas, porquanto é perfeitamente possível o uso da vírgula nessas orações, como foi demonstrado neste estudo.

Por meio de outras análises microestruturais, foram identificados problemas na construção de períodos em vários contextos, o que demonstra que não houve uma preocupação dos autores com a revisão textual de seus trabalhos acadêmicos – monografias –, que exigem uma produção por intermédio da norma padrão da língua. Os equívocos mais frequentes são quanto ao uso da vírgula, à transitividade verbal, ao paralelismo sintático, à ambiguidade, à coesão e à coerência textual. Esses equívocos reforçam a necessidade de se ter um profissional da área por perto, a fim de amenizar ao máximo os problemas gramaticais durante a produção textual que envolva um gênero textual que exige a norma padrão da Língua Portuguesa em sua estruturação.

Por fim, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para os conhecimentos sintáticos de revisores de textos e para o público que se interessa pelos estudos estruturais da Língua Portuguesa; além de estimular reflexões para futuras pesquisas acerca da temática.

THE USE OF COMMA IN RESTRICTIVE ADJECTIVAL SUBORDINATE CLAUSES: SYNTACTICAL CONTRIBUTIONS TO REVIEWERS OF TEXTS

ABSTRACT

This article aims to investigate and analyze the possibility of using punctuation – commas – in restrictive adjectival subordinate clauses – restrictive relative clauses. To explore this argument, this study came from a historical analysis of the use of punctuation through some relevant concepts for the extension of the research. The survey also addressed the concept of genre as the understanding of two great authors, Luiz Antonio Marcuschi and Ingedore Villaça Koch. Then there was the worry of exposing the main tasks of the reviewer of texts according to the vision of Athayde (2011) and Coelho Neto (2013). Faced with this information, you must also know the main considerations that grammars normative claim about the restrictive relative clauses, examining the possibility of inserting the point in these structures. This is the essential point of research, since it can ascertain the traditional concept that authors have on the subject. Therefore, the data analysis will be presented in order to demonstrate the possibility of using the comma in such structures, given that it is unknown teaching for most proofreading professionals and for the general public. Data were collected from the genre monograph, which will be analyzed by their real identification and intervention proposals will be carried out and finally revised text of proposals with the aim of strengthening the importance of revising texts in genres textual requiring the application of the standard of Portuguese rule in their discursive domains. Therefore, it is important to note that the work also is a microstructural analysis.

Key words: Restrictive relative clauses. Comma. Academic Review. Reviewer of texts.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo, SP: Saraiva, 2009.
- ATHAYDE, Públio. **Revisão de textos: teoria e prática**. Belo Horizonte, MG: Keimelion, 2011.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo, SP: Publifolha, 2008.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2009.
- COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão: critérios para revisão textual**. Brasília, DF: Senac-DF, 2013.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ: Lexikon, 2013.
- KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo, SP: Contexto, 2009.
- LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 2013.
- LUFT, Celso Pedro. **A vírgula**. São Paulo, SP: Ática, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo, SP: Unesp, 2011.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- OLÍVIA, Madre. **Uso da vírgula: prática de português**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- ROCHA, I. L. V. **O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-44501997000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&userID=-2>. Acesso em: 9 mar. 2016.
- ROCHA, I. L. V. **Flutuação no modo de pontuar e estilos de pontuação**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000100001>. Acesso em: 14 mar. 2016.